

ANÁLISE TOPONÍMICA DA CARTA DA NOVA LUSITÂNIA

Paulo Márcio Leal de Menezes¹

Manoel do Couto Fernandes¹

Kairo da Silva Santos¹

Fernando de Souza Antunes¹

Patrick Loss Oliveira¹

Daniel Di Salvo¹

Gabriela Calafate Ferreira¹

Francisco José Corrêa-Martins²

José Gomes dos Santos³

Adriana Andrade Arnaut³

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro; ² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; ³ Universidade de Coimbra

Resumo

O conjunto de mapas denominados como Nova Lusitânia é um dos monumentos cartográficos desenvolvidos pela cartografia portuguesa do fim do século XVIII, e é composto por quatro versões, de 1797, 1798, de [1795?] e 1803. Este conjunto de mapas é um dos mais ricos em termos de informações sobre a colônia e de uma grande parte da América Espanhola. O objetivo deste trabalho é analisar a toponímia das versões do Mapa da Nova Lusitânia, avaliando as alterações ortográficas e toponímicas e a má identificação de feições entre as versões. A extração de topônimos da cópia de 1798 revelou a identificação e classificação de 4.750 topônimos, segundo grupos geográficos, idioma, motivações linguísticas e geográficas.

Palavras-chave: Nova Lusitânia; Cartografia histórica do Brasil Colônia; Toponímia em mapas; Análise toponímica.

Abstract

The set of maps called Nova Lusitania is one of the cartographic monuments developed by Portuguese cartography at the end of the eighteenth century. The Nova Lusitania consists of four versions, from 1797, 1798, [1795?], and 1803. This set of maps is one the richest in terms of information about the colony and a large part of Spanish America. The objective of this work is to analyze the existing toponymy in all versions of the Map of Nova Lusitania, evaluating orthographic and toponymic changes and misidentification of features between versions. Extraction of toponyms from the 1798 copy revealed identification and classification of 4,750 toponyms, according to geographic groups, language, linguistic and geographic motivations.

Key words: New Lusitania; Historical cartography of Brazil Cologne; Toponymy on maps; Toponymic analysis.

Introdução

O mapa denominado *Carta Geographica de Projecção Espherica Orthogonal da Nova Lusitania ou America Portuguesa e Estado do Brazil*, de 1798, juntamente com suas versões de [1795?], 1797 e 1803, bem como cópias que foram realizadas, é sem dúvida um dos monumentos cartográficos desenvolvidos pela cartografia portuguesa do fim do século XVIII. Seu organizador foi o geógrafo, astrônomo e capitão de fragata Antonio Pires da Silva Pontes Leme, que, para tal, se apoiou no trabalho de 34 proeminentes personagens, entre astrônomos, geógrafos e engenheiros. Os quais, embora somente mencionados na versão de 1798, contribuíram para a construção dos demais exemplares. Por outro lado, em duas dessas versões, a de 1797 e de 1798, são citadas 76 e 86 minutas cartográficas, respectivamente, que permitiram a construção de suas versões.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise comparativa da toponímia nas diversas versões do *Mapa da Nova Lusitânia*, bem como nas minutas existentes no Arquivo Militar em Lisboa, levantar questionamentos sobre as diferenças encontradas nas versões e nas minutas, especialmente, no que se refere às alterações ortográficas, como também, às alterações toponímicas e à má identificação de feições entre as versões.

A nova lusitânia e suas versões cartográficas

Inicialmente, diversos autores indicavam a existência de duas versões do Mapa da Nova Lusitânia: uma delas, no Rio de Janeiro, Brasil (no Serviço Geográfico do Exército); e outra, em Portugal (Complementar) (COELHO, 1950; FURTADO, 1969). Corrêa-Martins (2011) apresenta de forma explícita as diversas versões sobre o Mapa da Nova Lusitânia. Mostra ainda que, segundo Faria (2001), no *Resumo dos Mappas Chartas Geographicas, e Plantas, que se tem Copiado, e Reduzido, no Real Jardim Botanico, por Ordem do Ill.mo e Ex.mo Senhor D. Rodrigo de Souza Coutinho, desde 26 de março, de 1797, até o presente anno de 1803*, constavam 3 exemplares completos construídos da Nova Lusitânia, sendo o primeiro, de 1797; o segundo, de 1798; e o terceiro, de 1803 (CORRÊA-MARTINS, 2011).

O exemplar de 1797 (Figura 1), pertencente ao Observatório Astronômico da Universidade de Coimbra, tem como título *Carta Geografica de Projecção Espherica da Nova Lusitania ou America Portuguesa e Estado do Brazil* e suas dimensões são de 142 cm de largura por 128 cm de altura. Este exemplar apresenta três encartes: Rio Grande de S. Pedro, Baía de Todos os Santos e Rio de Janeiro.

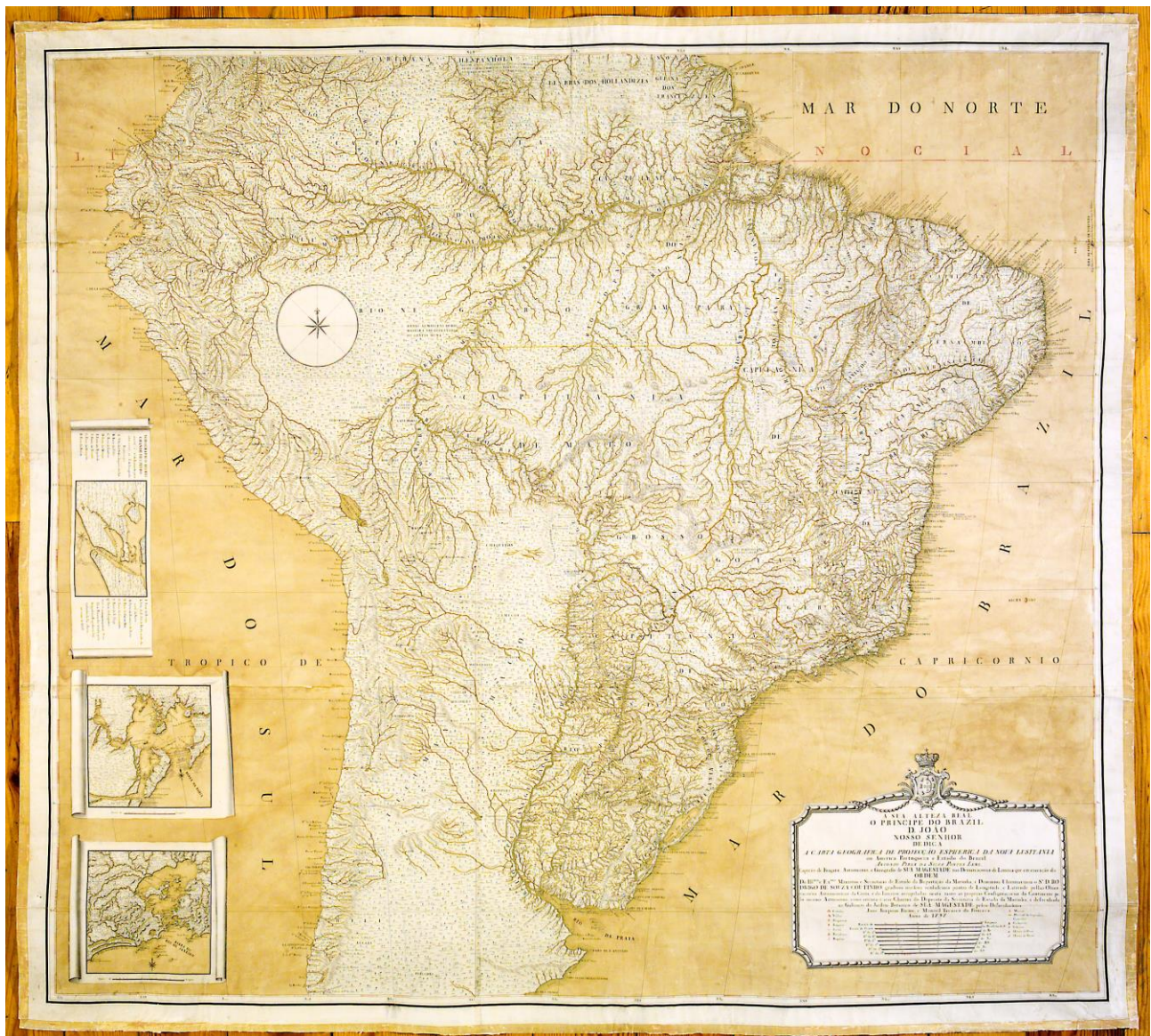


Figura 1. Carta Geografica de Projecção Espherica da Nova Lusitania ou America Portuguesa e Estado do Brazil, 1797. Fonte: Observatório Astronômico da Universidade de Coimbra, Portugal.

O segundo exemplar, datado de 1798 (Figura 2), encontra-se atualmente na Mapoteca do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), no Rio de Janeiro, Brasil; e tem como título: *Carta Geographica de Projecção Espherica Orthogonal da Nova Lusitania ou America Portuguesa e Estado do Brazil*; mede 148 cm de largura por 133 cm de altura, para a qual, Pontes Leme se baseara em oitenta e seis cartas, dez a mais do que aparece no exemplar de 1797 (CORRÊA-MARTINS, 2011).

Esse exemplar tem nove escalas gráficas e apresenta os encartes/destaques de quatro pontos do litoral, de forma destacada, todos com escalas gráficas e devidamente identificados, nos atuais estados da Bahia, do Pará, do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. O exemplar traz também os nomes de 34 pessoas, entre astrônomos, comissários e engenheiros, que contribuíram com observações astronômicas e trabalhos cartográficos, para a confecção daquela carta;

além das *Cartas chorograficas* de sete capitanias, cujos governadores também foram relacionados (CORRÊA-MARTINS, 2011).

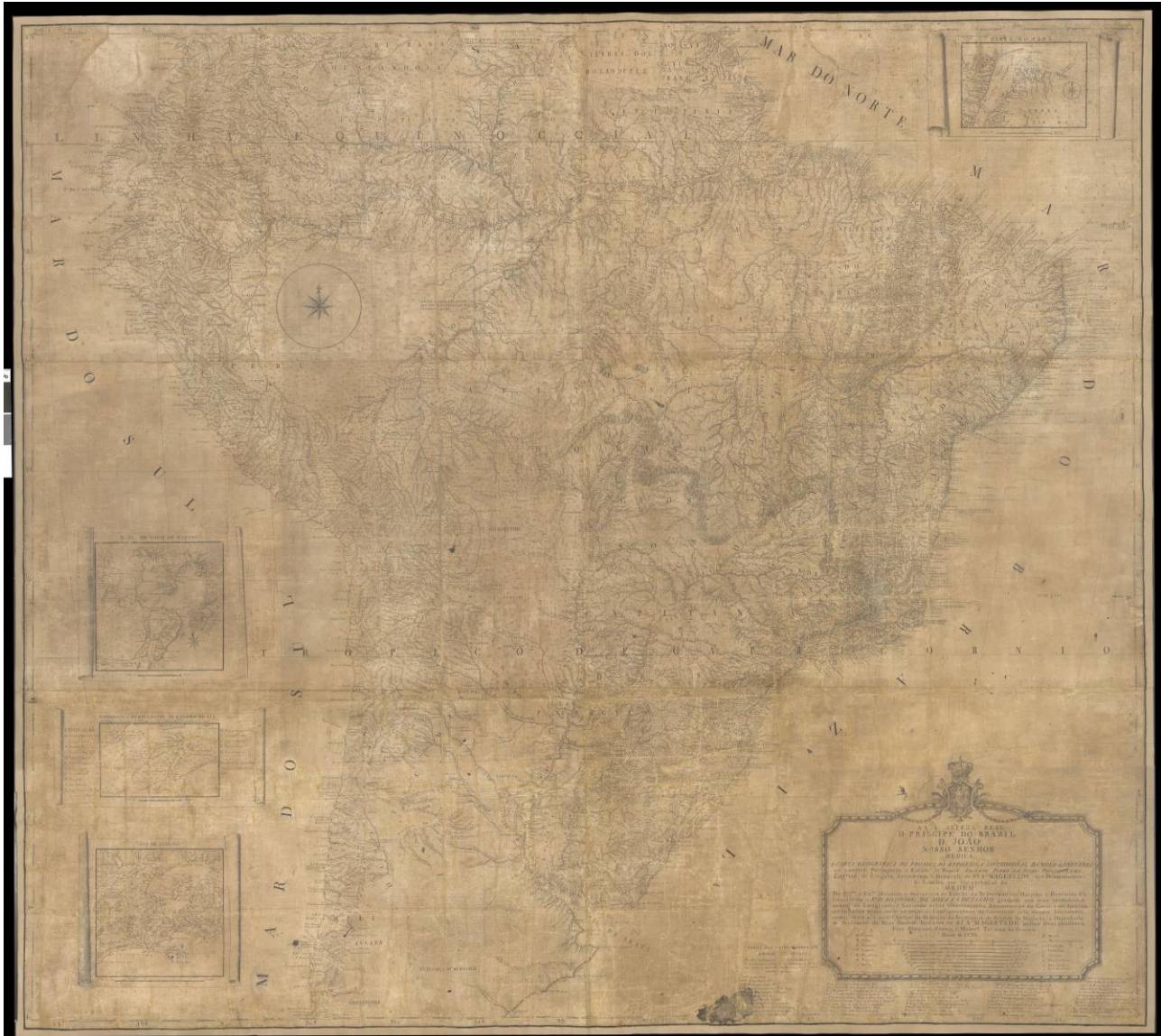


Figura 2. Carta Geografica de Projecção Espherica Orthogonal da Nova Lusitania ou America Portuguesa e Estado do Brazil, 1798. Fonte: Arquivo Histórico do Exército (AHEx), Rio de Janeiro, Brasil.

A versão de 1803 é referenciada pelos desenhadores Jozé Joaquim Freire e Manoel Tavares da Fonseca, ao fazerem o requerimento para promoção a 1º tenente em 1803 (FARIA, 2001). Segundo Corrêa-Martins (2011), esse mapa foi produzido para o Visconde de Anadia, João Francisco de Sá e Melo e acredita-se que esse exemplar seja o existente na *Bibliothèque Nationale de France* (BNF), com o título *Carte de l'Amérique équinoxiale et du Brésil* (Figura 3). O mapa está incompleto, apresentando apenas a sua parte superior. A autoria, conforme os metadados associados, é dada para José Lopes Santo (sic) e Antonio Pires da Silva Pontes, com a data de edição

de 1798. Essa versão possui as dimensões de 156 cm de largura por 68 cm de altura e apresenta no mínimo três encartes, Barra do Pará, Recife e Olinda e Baía de Todos os Santos.



Figura 3. *Carte de l'Amérique équinoxiale et du Brésil, 1803.* Fonte: *Bibliothèque Nationale de France (BNF)*, França.

O exemplar de Portugal (Figura 4) possui 202 cm de largura por 199 cm de altura, a maior de todas as versões. Encontra-se no Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, da Direção de Infraestruturas do Exército (DIE), em Lisboa, Portugal (CORRÊA-MARTINS, 2011). Essa versão foi reconhecida em 1903 como uma das elaboradas por Silva Pontes e seu principal desenhador, José Joaquim Freire. O exemplar está incompleto, apresentando lacunas na parte noroeste da América do Sul e na parte da Patagônia Argentina. E ainda, a área destinada à sua legenda encontra-se em branco. Possui cinco encartes: Baía de Todos os Santos, Rio Grande de São Pedro, Rio de Janeiro, Barra do Pará e Cabo Frio; sendo, parte deles, apresentados nas demais versões. Presume-se que esse exemplar seja o modelo para as demais versões e anterior a [1795?], ano que se iniciou a elaboração dos exemplares de 1797 e 1798 (CORRÊA-MARTINS, 2011). Porém, existe uma suposição de que esse mapa tenha sido elaborado em uma data muito posterior, mas ainda não passa de suposição.



Figura 4. Carta Geografica de Projecção Espherica Orthogonal da Nova Lusitania ou America Portugueza e Estado do Brazil, 1903 Fonte: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direção de Infraestruturas do Exército (DIE), Lisboa, Portugal.

Devem ser citadas também, as cópias existentes na mapoteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro (Brasil), realizada sobre a cópia da versão de Lisboa (Portugal), de 1866; e duas cópias heliográficas da versão de 1798, existentes na Biblioteca Nacional, no Brasil.

Surge neste momento um novo elemento de pesquisa, pertencente também ao Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da DIE, Lisboa, Portugal. São oitenta minutas, correspondentes aos quadrângulos de 5° x 5° dos mapas da Nova Lusitânia. Essas minutas foram inicialmente confundidas com os 76 mapas utilizados no mapa de 1797 e os 86 mapas citados no

mapa de 1798. No entanto, foi verificado que elas pertencem exclusivamente ao exemplar de Lisboa. Apesar de serem 84, nem todos os quadrângulos estão contemplados, existem diversos quadrângulos de áreas iguais, porém, com composição cartográfica diferente, em que um foi utilizado e o outro, não. São catalogados com os números sequenciais de 5189 a 5271; e os dois últimos, levam a numeração de 9991 e 9992¹, todos seguidos do mesmo numérico 1A-9A-99. Algumas das minutas apresentam números e letras adicionais. A Figura 5 mostra todos os quadrângulos identificados com o mapa de Lisboa.

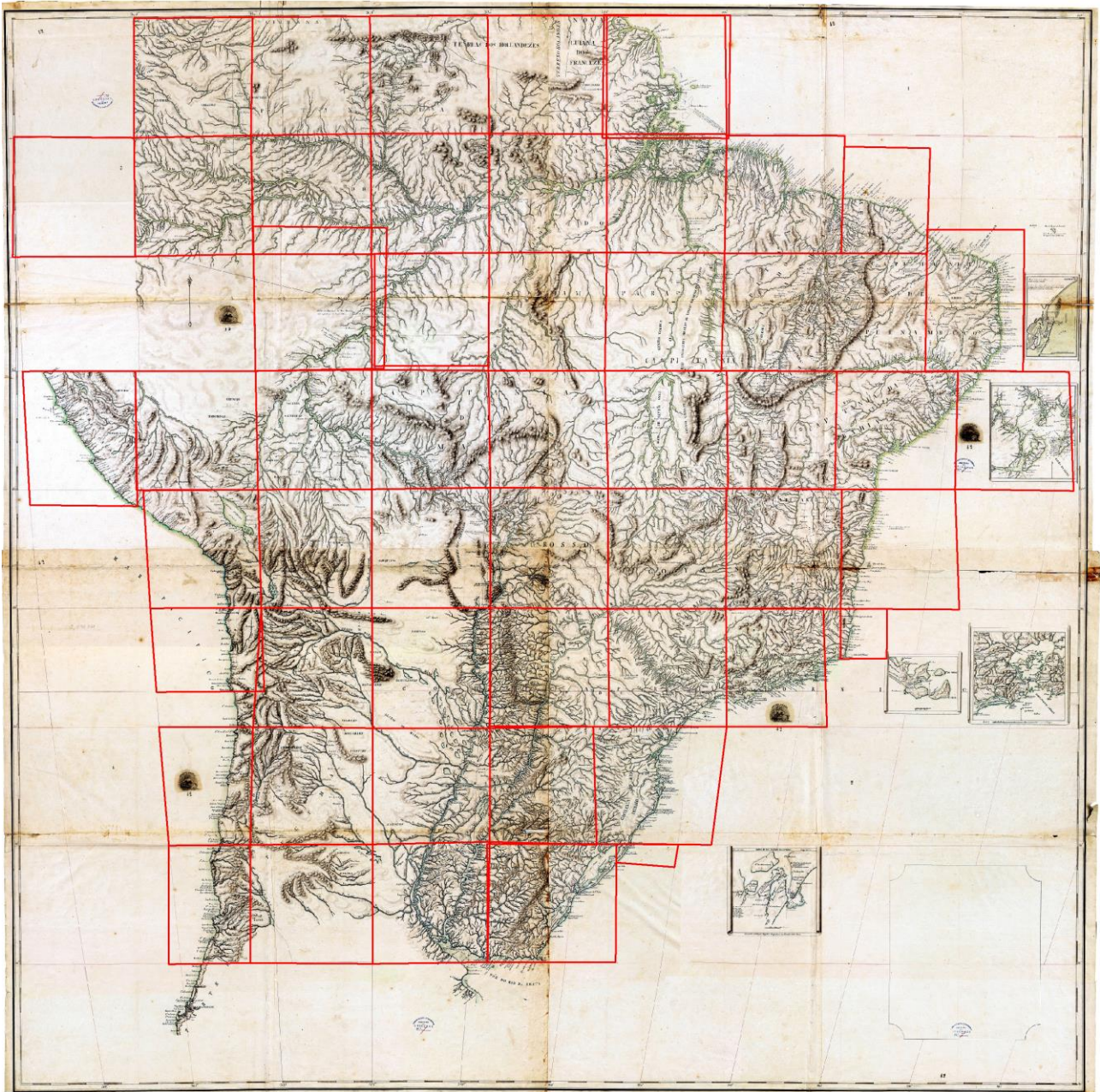


Figura 5. Quadrângulos identificados sobre o mapa de Lisboa. Fonte: Elaboração dos autores.

¹ Esses dois últimos (9991 e 9992) correspondem às listas de coordenadas.

A figura 6 mostra o quadrângulo 10°;15° S e 325°;330° L², no mapa e na minuta 44 – 5232-1A-9A-99, que deu origem àquela parte no mapa.

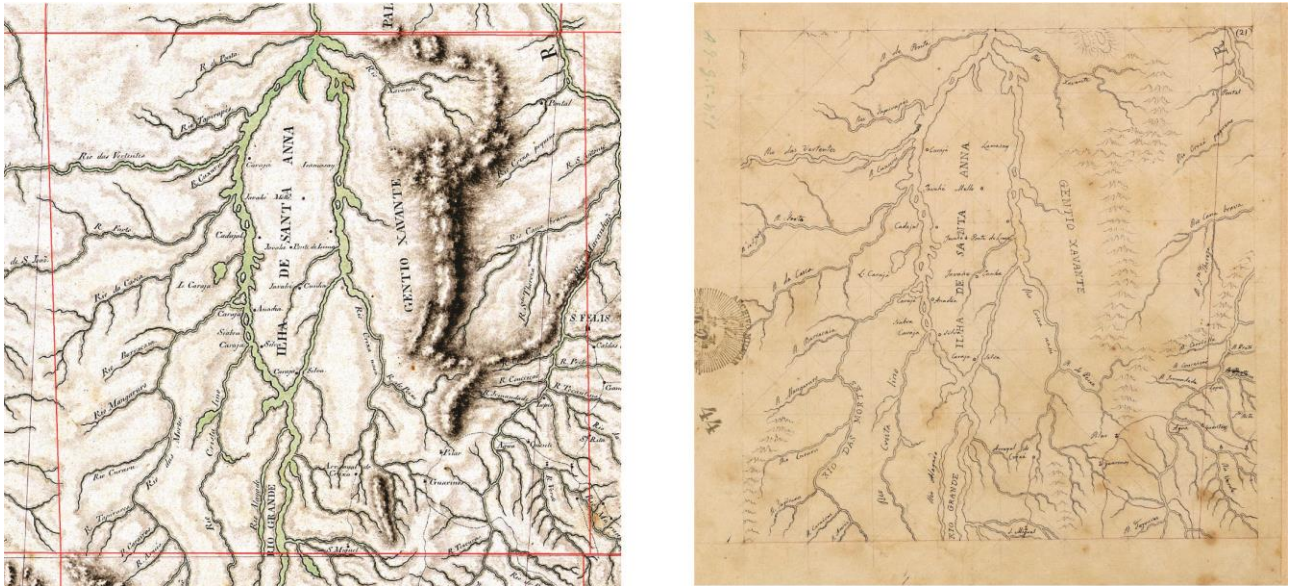


Figura 6. Quadrângulo 10°;15° S e 325°;330° L, no mapa e na minuta 44 – 5232-1A-9A-99. Fonte: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direção de Infraestruturas do Exército (DIE), Lisboa, Portugal.

Um exemplo de quadrângulos semelhante, é o caso do quadrângulo 5194 (6) e 5226 (38), entre os limites 15°;20°S e 305°;310°L, ambos são da mesma área, porém com conteúdos diferentes e o conteúdo utilizado no mapa foi o do quadrângulo 5226. A figura 7 mostra essas duas minutas e o trecho do mapa correspondente.



Figura 7. Minuta 5194 (6), não utilizada, 5226 (38), utilizada e o respectivo quadrângulo 15°;20° S e 305°;310° L, no mapa. Fonte: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direção de Infraestruturas do Exército (DIE), Lisboa, Portugal.

² Paralelos ao Sul do Equador e longitudes contadas no sentido horário.

Extração dos topônimos

A toponímia da Nova Lusitânia está sendo referenciada a cada uma de suas versões, iniciada por este trabalho, na versão de 1798. Até o presente momento, não houve uma pesquisa profunda sobre a toponímia em nenhuma das versões, apesar da relevância do tema; bem como das características comuns ou diferenças entre as várias versões da Nova Lusitânia. A decisão de se iniciar esse estudo pela toponímia, diz respeito à grande quantidade de topônimos existentes nas várias versões.

Inicialmente, a primeira versão a ser estudada recaiu sobre a versão de 1798, por se dispor de uma cópia digital em 300 dpi, bem como a facilidade de acesso ao original, caso necessário, no Arquivo Histórico do Exército (AHEx), no Rio de Janeiro. A partir da análise toponímica dessa versão, propõe-se extrair a toponímia das demais versões, possibilitando uma análise comparativa, tanto dos aspectos posicionais como dos linguísticos, acerca da abundância ou da escassez toponímica; da falta ou da presença de erros de localização em relação a cada uma das versões. Sabe-se perfeitamente o tempo que uma pesquisa desse vulto deverá levar.

Metodologia aplicada

A metodologia aplicada ao trabalho, definida pela extração dos topônimos no exemplar de 1798, foi realizada segundo as orientações apresentadas no *Roteiro de Extração de Nomes Geográficos em Mapas Antigos ou Históricos*, desenvolvido pelo GeoCart, Laboratório de Cartografia, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É importante salientar que a extração foi desenvolvida sobre uma cópia digital com resolução de 300 dpi. Nas demais versões, a extração também está sendo realizada, exceto na versão de 1797, para a qual, por não haver uma imagem de alta resolução completa, trechos do mapa foram fotografados digitalmente e utilizados para a extração toponímica.

Em uma primeira fase, os topônimos foram extraídos por análise visual no sistema de informação geográfica (SIG) ArcGIS®, sendo categorizados através da legenda do mapa e de feições geográficas identificadas por seu termo específico. As cidades, vilas, freguesias, sítios, fortalezas, registros e lugares foram reunidos em um grande grupo denominado 'assentamentos'. As minas de ouro e de ferro, assim como as lavras, foram agrupadas no grupo 'extração mineral'. As divisas internacionais e a divisão de capitânias foram agrupadas como 'limites'. Os caminhos, as estradas e as ligações tiveram uma classificação única, no grupo 'rede viária'. As feições hidrográficas, tais como rios, córregos, lagos, lagoas, praias, barras, pontas, cabos, arroios, enseadas, ilhas, cachoeiras, baixios ou baixos, recifes e outras; foram agrupadas sob um grande grupo denominado 'hidrografia'. Serras, morros, campos, vulcões e picos foram reunidos sob o grupo 'orografia'. Finalmente, os nomes de tribos, grupos ou famílias indígenas foram agrupados sob o grupo de 'etnias'. Dessa forma, criou-se uma visão em árvore, que pode ser densificada, quando necessário.

Para cada uma das feições extraídas, foram associadas as suas coordenadas de mapa (X,Y), definidas pelo sistema de imagem no ArcGIS®, visando a posterior georreferenciamento.

Foram extraídos 4.750 topônimos, porém existe ainda um volume relativamente grande a extrair, que, devido aos problemas de degradação do mapa, dependerão das fases subsequentes, para serem extraídos. A Figura 8 apresenta a identificação e a consequente captura em coordenadas de imagem.

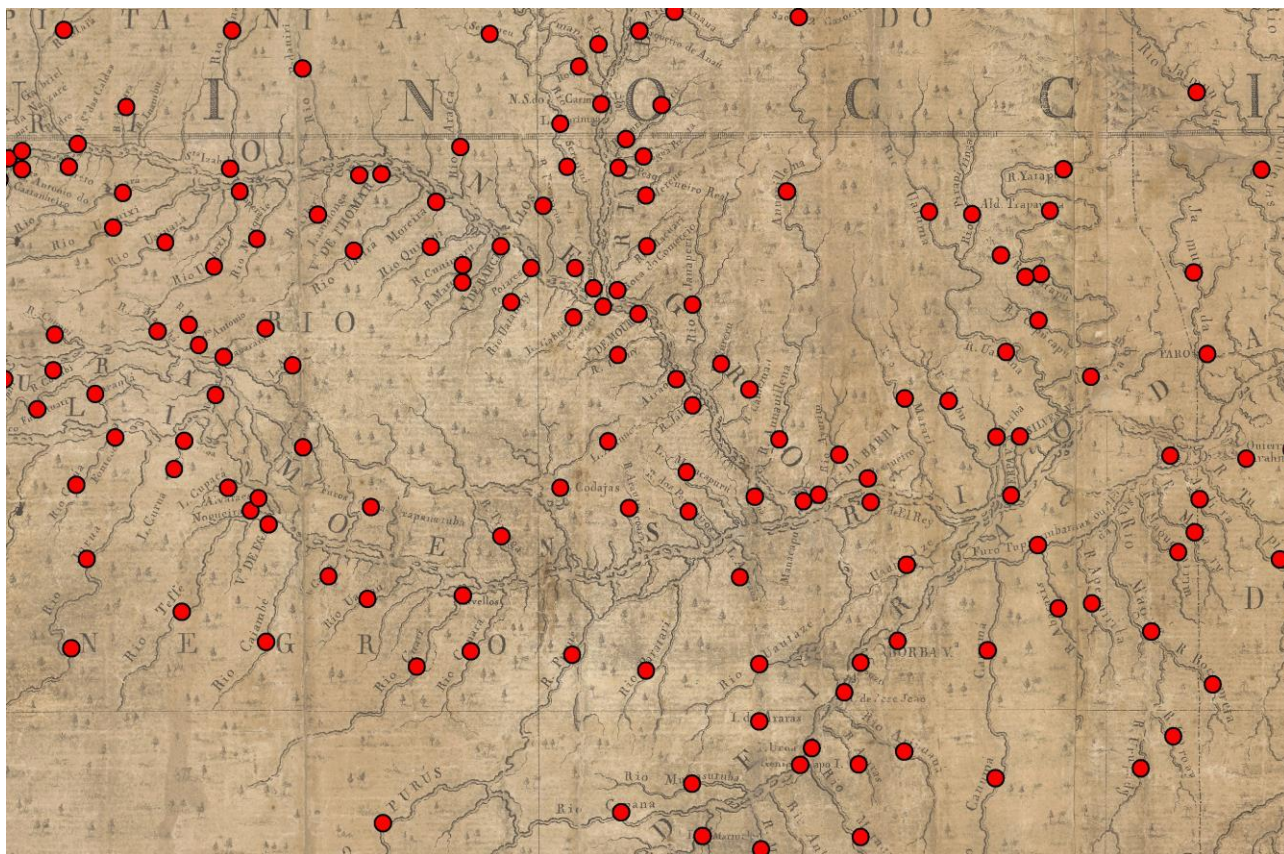


Figura 8. Exemplo de identificação dos topônimos no mapa. Fonte: Arquivo Histórico do Exército (AHEx), Rio de Janeiro, Brasil.

Localização, georreferenciamento e identificação dos topônimos nas demais versões

A segunda fase (ainda em andamento) diz respeito à identificação e localização dos topônimos nas demais versões e minutas. Uma transformação de coordenadas foi testada para o exemplar de 1803 (da BNF, França) e para o exemplar de 1903 (da DIE, Portugal), tendo em vista os mapas serem de resoluções e dimensões diferentes, permitindo que, por suas coordenadas de mapa, seja possível um imediato posicionamento de qualquer ponto nessas versões. Em relação ao mapa de Coimbra, por não haver a digitalização completa de todo mapa em alta resolução, foi definida a identificação visual do topônimo com a posição nas demais versões e a atribuição de suas coordenadas, através das fotografias digitais. Deve ser observado que os topônimos em uma determinada posição podem não ter o mesmo nome em todas as versões. O Quadro 1 mostra a distribuição dos grupos e dos identificadores geográficos utilizados.

Quadro 1. Distribuição dos grupos e dos identificadores geográficos utilizados.

N	GRUPO_GEO	Feição ou Identificador Geográfico (Id_Geo)
1	Administrativo (ADM)	Capitania, país
2	Descritivo (DESCRITIVO)	Todas as feições não enquadradas nas demais e que descrevem um lugar: lugar, marco, bosque, floresta, mato, rincão, campo
3	Étnico (ETNIA)	Grupos indígenas, tribos, aldeia, nação, família, descritivo
4	Extrativismo (EXTRAT)	Mina, Mina de ouro, mina de ferro, salitre, salina, cristal
5	Hidrografia (HDR)	rios, córregos, canais, cachoeiras, lagoas, lagos, lagoas, arroio, baixio, praia, porto, ilha, restinga, cabo, ponta, baía, barra, furo, batimetria, enseada, Igarapé, parcel, pesqueiro, ribeirão, recife, saco e vau
6	LATITUDE	Locais com a indicação de suas latitudes no continente
7	Localidades (LOCAL)	Sítio, registro, freguesia, forte, fortaleza, cidade, vila, torre, igreja, quartel, lugar, povoado, fazenda, aldeia
8	Orografia (OROG)	Morro, cerro, serra, desfiladeiro, vulcão, monte, pico, deserto
9	Rede Viária (RVIARIA)	Estradas, caminhos

Fonte: Elaboração dos autores.

Foram extraídos 4.750 topônimos, a grande maioria deles perfeitamente identificados, porém, ocorrendo problemas na identificação do nome, devido ao estado de conservação dos elementos no mapa, especialmente, em locais onde houve dobraduras, com degradação ou áreas restauradas, com perda de parte do documento. No entanto, esses topônimos não são abandonados; muitos deles, foram (e podem ser) identificados por comparação com as demais versões. Esse processo será aplicado no estudo das demais versões, beneficiando a identificação toponímica final, relativa a todas as versões. O Quadro 2 mostra o total de topônimos extraídos, distribuídos pelos grupos geográficos.

Quadro 2. Total de topônimos extraídos, distribuídos pelos grupos geográficos.

N	GRUPO_GEO	Extraída	Percentual Extraído	Não Identificados	Percentual não identificado
1	Administrativo (ADM)	08		0	0
2	Descritivo (DESCRITIVO)	158		15	9
3	Étnico (ETNIA)	103		03	3
4	Extratvismo (EXTRAT)	23		0	0
5	Hidrografia (HDR)	2205		49	0,45
6	LATITUDE	33		0	0
7	LIMITES	05		0	0
8	Localidades (LOCAL)	2122		48	0,44
9	Orografia (OROG)	86		0	0
10	Rede Viária (RVIARIA)	07		0	0
	Total	4750	100	115	0,41

Fonte: Elaboração dos autores.

O Quadro 3 apresenta o total de topônimos extraído, segundo os limites atuais de cada país, na área representada.

Quadro 3. Total de topônimos extraídos, distribuídos pelos países atuais.

Nr	Países	Extraídos	Percentual Extraído
1	Brasil	3177	66,87
2	Argentina	208	4,37
3	Bolívia	222	4,67
4	Chile	183	3,85
5	Colômbia	193	4,06
6	Equador	132	2,77
7	Suriname	06	0,13
8	Guiana Francesa	44	0,92
9	Guiana	07	0,15
10	Paraguai	57	1,20
11	Peru	412	8,67
12	Uruguai	80	1,68
13	Venezuela	29	0,61
	Total	4750	100,00

Fonte: Elaboração dos autores.

Classificação e Identificação Linguística

A terceira fase prevê a identificação do idioma e da língua associados a cada topônimo. Para essa etapa do trabalho, o foco da classificação linguística foi definido inicialmente para os topônimos dentro dos limites do Brasil. Posteriormente, serão analisados os demais topônimos. Essa tarefa não é problema em relação àqueles classificados nas línguas portuguesa, espanhola ou francesa, pois a língua e o idioma são os mesmos. Porém, em relação aos topônimos em língua indígena, com certeza ocorrerão dúvidas sobre as diversas variações linguísticas de cada grupo, família ou ramo indígena, expressos no mapa. A classificação linguística, como um todo, analisa cada topônimo, identificando as diferentes línguas e idiomas. Dessa forma, para cada topônimo, foi definida uma classificação, segundo sua língua de origem: português, espanhol, francês, inglês, holandês, indígena e híbrida (no caso da junção de elementos linguísticos de duas ou mais línguas).

O Brasil de 1500 apresenta-se como um imenso território, em um quadro de total multilinguismo, onde, aproximadamente, existiam 1.175 línguas faladas. Para essa época, presume-se a existência de seis milhões de indígenas, de diversos grupos linguísticos. Havia uma unidade linguística relativa ao longo da costa, onde se estabeleciam os indígenas do tronco Tupi, pertencentes à família Tupi-guarani. As figuras 9 e 10 apresentam a distribuição do tronco Tupi ao longo da costa brasileira e a distribuição dos principais grupos étnicos em 1500.

Comparação com as demais versões

Foram realizados alguns estudos comparativos preliminares entre as versões, tendo por base a toponímia da versão de 1798. As comparações com as demais versões mostraram uma série de divergências, em relação aos seguintes aspectos:

- Divergências de grafia entre os topônimos;
- Divergências na identificação da feição geográfica;
- Topônimos idênticos em diferentes pontos, identificando diferentes feições; e
- Quantidade de topônimos existentes em cada versão.

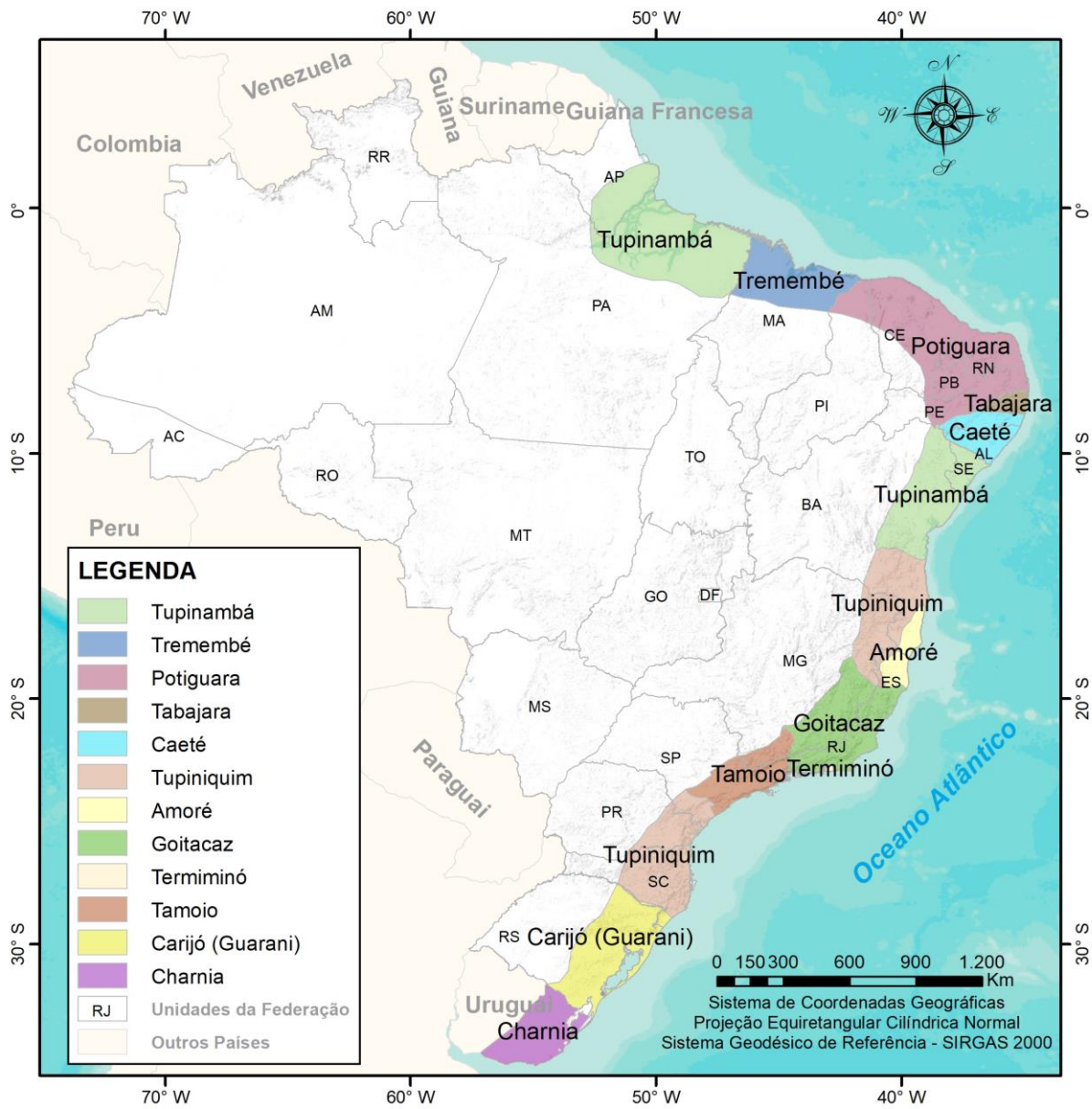


Figura 9. Distribuição do tronco Tupi ao longo da costa brasileira. Fonte: modificado de Arruda (2001).

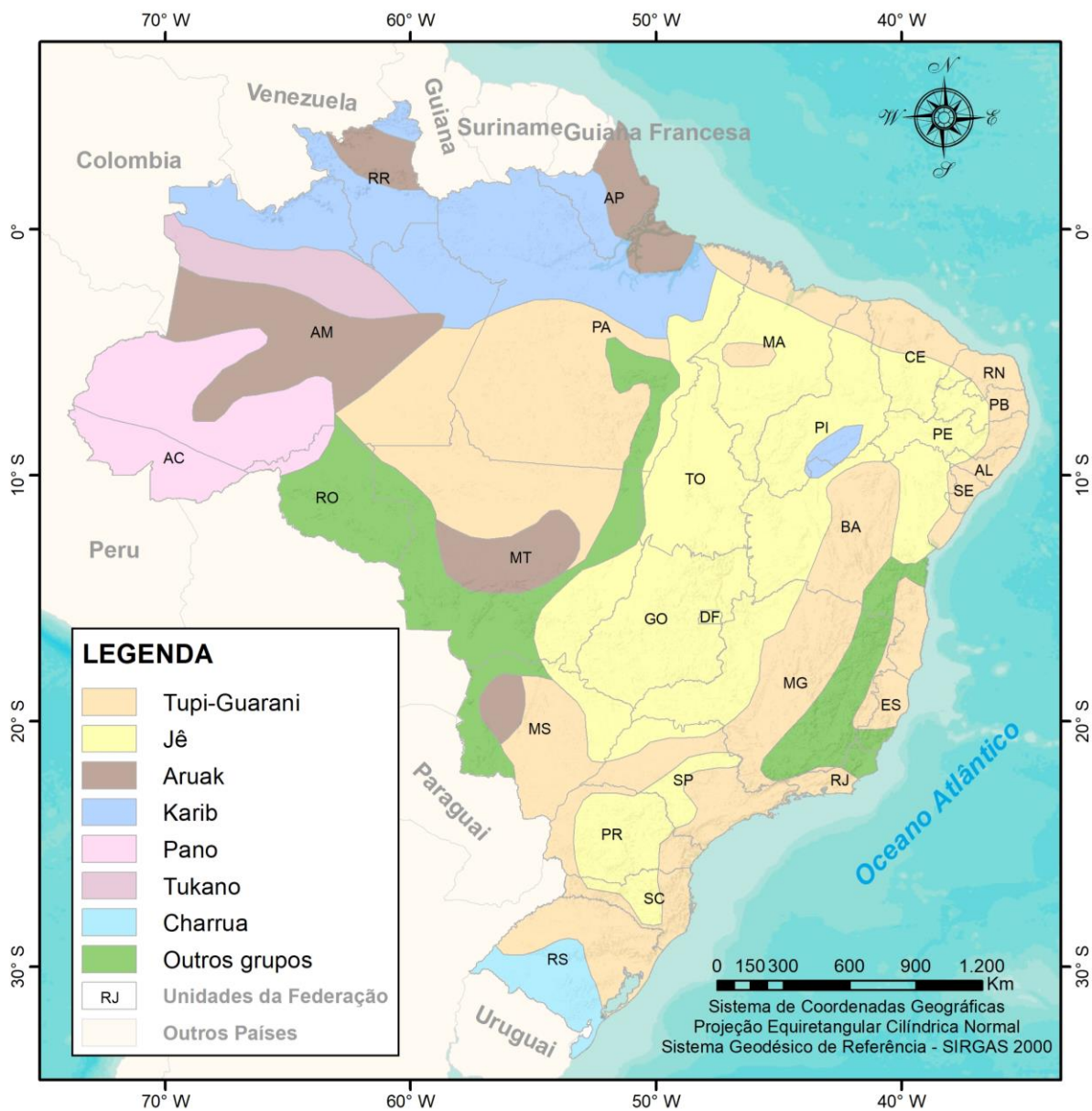


Figura 10. Distribuição dos principais grupos étnicos no território da então colônia. Fonte: modificado de Arruda (2001).

Divergências de grafia entre os topônimos

As diferenças são principalmente observadas por trocas de consoantes e vogais, bem como acréscimo de consoantes. O Quadro 4 apresenta alguns dos topônimos divergentes encontrados nas quatro versões.

Quadro 4. Exemplos de topônimos divergentes encontrados nas quatro versões.

N	1798	Lisboa	1797 (Coimbra)	1803 (BNF)
1	Parayba	Parayba	Parayba	-
2	Rio Tiethé	Tiethé	Tieté	-
3	Rio Tapicurú	Rio Itapicó	Rio Itapicurú	Rio Itapicurú
4	Parnayba	Parnayba	Parnaiba	Parnayba
5	Seará	Ciará	Siará	Siará
6	Rio Tucantins	Rio Tocantins	Tocantins	Tocantins
7	Rio Jacuhipé	Jacuype	-	-
8	R. Gurupy	R. Gurupi	R. Gurupi	R. Gurupi
9	Guariuvacus	Guariuvacus	Guaricuvacus	Guarusvacus

Fonte: Elaboração dos autores.

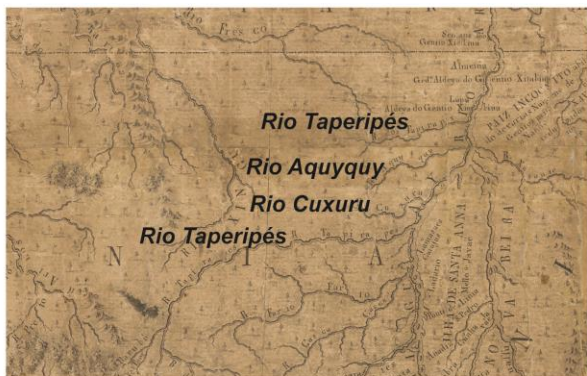
Divergência no nome e topônimos idênticos em diferentes posições

Apenas em uma área relativa à Ilha de Santa Anna, atual Ilha do Bananal, no rio Araguaia, foram encontrados exemplos bem definidos deste tópico. O Quadro 5 mostra as principais divergências e a Figura 11 mostra os comparativos da área nas quatro versões.

Quadro 5. Afluentes do braço esquerdo do Rio Araguaia, junto à Ilha de Santa Anna.

	1798	Lisboa	1797 (Coimbra)	1803 (BNF)
1	Rio Casca	Rio da Casca	Rio da Casca	Rio da Casca
2	R. Farto - R. Farto	R de S. João - R. Farto	R de S. João - R. Farto	R de S. João - R. Farto
3	Rio Tapirapés	Rio das Vertentes	Rio das Vertentes	Rio das Vertentes
4	-	R. Cuxuru	R. Cuxurú	R. Cuxuru
5	R. Cuxuru	R. Tapirapés	R. Tapirapés	R. Tapirapés
6	R. Aquyquy	R. de Ponta	R. da Ponta	R. de Ponta
7	R. Tapirapés	-	Rio dos Tapirapés	Rio dos Tapirapés
8	Lamasaes Carajás	Carajá	Lamasay	Carajá
9	Ladário	Codajal	Ladário	Carajal
10	Aldeya do Gentio Ximbiuá	Gentio Ximbiva	Gentio Ximbiva	Gentio Ximbiva

Fonte: Elaboração dos autores.



1798



Lisboa



1797



1803

Figura 11. Divergências nos afluentes do braço esquerdo do Rio Araguaia, junto à Ilha de Santa Anna. Fonte: Elaboração dos autores.

Quantidade de topônimos existentes em cada versão

Aparentemente, a versão de 1798 é a que apresenta o maior número de topônimos em relação às demais. Em algumas áreas, tais como o Nordeste, no entorno do Piauí e Maranhão a aparência é similar em todas elas. O Piauí apresenta uma maior concentração de topônimos em todos os mapas. Isto talvez seja uma consequência direta do Mapa da Capitania do Piauí de 1761, onde a Capitania foi representada com grande riqueza de detalhes e densamente representada as ocupações e assentamentos. Porém esta questão só poderá ser completamente elucidada quando da extração toponímica das demais versões.

Algumas questões ainda a serem consideradas, se referem ao tamanho das letras e caligrafia em cada versão e a avaliação prejudicada da versão de 1803.

Considerações Finais

O estudo completo da toponímia das quatro versões da Nova Lusitânia, não será um trabalho fácil de ser concluído. A classificação linguística de cada um dos idiomas indígenas identificados certamente exigirá o concurso de especialistas em etnografia, antropologia e linguistas especialistas em línguas indígenas mortas. Em relação às línguas que tenham sido consideradas extintas, poucas são as informações existentes, mas será ainda possível ser detectado no mapa algum tipo de fóssil linguístico. No prosseguimento da pesquisa, as próximas fases são:

- Na versão de 1798: identificação linguística dos demais topônimos; motivação linguística e geográfica;
- Nas demais versões: extração toponímica; georreferenciamento dos mapas e topônimos e modelagem do banco de dados toponímico.

Prevê-se um horizonte de, pelo menos, três a quatro anos de pesquisa, em vista do que está sendo trabalhado ainda neste primeiro mapa.

Referências

ARRUDA, J. J. A. Atlas Histórico Básico. 17 ed. São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, P. D. **A Obra Cartográfica dos Militares no Passado e no Presente do Brasil**, Palestra apresentada na Escola Superior de Guerra, mimeografada, Rio de Janeiro, 1950.

CORRÊA-MARTINS F. J. As várias "faces" da "Nova Lusitania", de Antonio Pires da Silva Pontes Leme, In: SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, IV, 2011, Porto. **Anais eletrônicos...** Porto: Universidade do Porto, 2011. Disponível em: <<http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/79.pdf>>. Acesso em: 18 de maio 2021.

FARIA, M. F. **A Imagem útil – José Joaquim Freire (1760-1847) desenhador topográfico e de história natural: arte, ciência e razão de estado no final do Antigo Regime**. Lisboa: Universidade Autónoma Editora, 2001.

FURTADO, S. S. **A Cartografia Portuguesa, Roteiro de Glórias** – Apêndice 1 de Cartografia, 1969.